



# O POEMA QUE EU VI NASCER

O dia amanhecera cheio de luz. A manhã era bem aberta. Os primeiros raios de sol começavam a entrar "janela" adentro. Lá fora, os pássaros, em revoada, gorgearam na amplitude dos céus... Evidentes eram os sinais de estio à vista.

Cá, entre quatro paredes, eles, mansamente acordavam.

Não adiantava levantar-se às pressas.

O espaço de liberdade física era deveras limitado. O que adiantaria dar um salto dentro da cama? Não haveria condições, nem mesmo de se aspirar plenamente o ar puro da manhã que prenunciava ser radio-sa.

O mais jovem, levantou-se. Deu alguns passos. Espiou, através da veneziana o tempo lá fora. Suspirou fundo... Invejou as aves que, em liberdade absoluta perdiam-se nos horizontes... Desejou febrilmente ser um menino que lá ao longe, atravessava correndo, indiferente a qualquer perigo, a grande avenida. Quis ter o mesmo direito (e por ele pagaria até um tesouro) de locomover-se como, assim o fazia, um distante e misero carroceiro que apressadamente rumava para o centro da cidade, em busca do pão cotidiano. Resmungou... disse qualquer coisa inteligível até mesmo para ele. Certamente um desabafo, fruto de racional

inconformação do ser humano, que não pode exercer o sagrado e inalineável direito de ir e vir livremente...

Voltou à realidade. Foi nessa ocasião que deu conta da presença do seu companheiro, o mais velho.

Estava ele, sentado num toco tamborete. Totalmente ab sorto. Parecia longe, bem distante do meio ambiente, onde só se via o disco solar em forma quadrada... Estava armado com um toco de lápis e um macilento bloco de papel. Obviamente, com estes instrumentos, produzia algo...

— Que escreves, aí, indagou o mais moço, iniciando assim, o costumeiro diálogo entre eles.

— Faço um poema, respondeu o mais velho, com a sua característica fleuma.

— Assim, com tanta rapidez!

— Pois é. Veio a inspiração...

— Qual é a temática!

— Espera aí um pouco, que vou já lê-lo p'ra ti.

Os dois amigos calaram. Um, de cabeça baixa, escrevendo. O outro, de braços cruzados, olhando-o ficou.

Alguns minutos se passaram. Até mesmo o zunido de uma mosca se ouviria, naquele silêncio sepulcral.

De súbito, o mais velho passou a ler. Ler? Dir-se-ia melhor, a orar um poema que nascia quentinho como um pão de forno...

Os versos brotavam espontâneos, bem fornidos, cheios de beleza. Transbordantes de uma angústia e uma dor suaves como um véu diáfano. A sua mensagem seria capaz de tocar, até mesmo um frade de pe-dra...

O mais moço não se conteve. Seus olhos marejaram de lágrimas...

A poesia, quando é poesia, tem o poder fulminante de metamorfosear o estado d'alma da gente...

Dizem os biógrafos de Wil-de que a Balada do Cárcere de Reading, figura entre os seus mais belos poemas e também da poesia inglesa.

Aquel'outra também tecida em semelhante lugar — Meninos eu vi — com os meus próprios olhos, nascer, e, hoje, está incorporada a uma das grandes obras do autor de "Pele e Osso" e constitui, também, uma das mais belas da poesia gonçalvina.

E não foi, e não é, por outra razão que, outro dia, na Assembleia Legislativa do Estado — solicitei fosse consignado nos Anais da Casa do Povo, um voto de júbilo pelo cinquentenário do poeta que, através de sua invejável imaginação criadora, vem dando valiosa contribuição para a avivamentação dos rúmos da gloriosa Athenas Brasileira.

**Sálvio Dino**